Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

ABORDAGEM DOS TEMAS TRANSVERSAIS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

CROSS-CUTTING THEMES APPROACH IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS: SEXUAL ORIENTATION ON IN SCHOOL

Glória Marianna Barreto Teixeira
Priscilla Gonçalves de Azeevedo
Fernanda Castro Manhães

RESUMO - Nas últimas décadas, o espaço escolar surge como um lugar propício para tratar de temas sobre orientação sexual, sexualidade ou orientação sexual, principalmente quando se trata de saúde pública. Nesse sentido, presente trabalho aborda a orientação sexual, analisando o relato de professores e alunos sobre algumas intervenções que vem ocorrendo no âmbito escolar. Para isso, como estratégia metodológica, foi feita uma análise de trabalhos relacionados ao tema, por meio de uma pesquisa indireta de caráter bibliográfico, a partir de trabalhos obtidos por meio do *Google acadêmico* e *Scielo*, entre os anos 2003 a 2017. Nos artigos encontrados, percebemos que os alunos consideram importante o trato com tal conteúdo na escola, principalmente pela ausência de diálogo com os pais. Sobre a atuação dos professores, verificamos que, os aspectos anatômicos e biológicos possuem maior relevância e os principais diálogos são sobre os métodos contraceptivos, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência.

Palavras-chave: Orientação sexual, PCNs, Escola, Adolescentes.

ABSTRACT - In the last decades, the school space appears as a propitious place to deal with subjects about sexual orientation, sexuality or sexual orientation, especially when it comes to public health. In this sense, this paper approaches sexual orientation, analyzing the reports of teachers and students about some interventions that have been taking place in the school context. For this, as a methodological strategy, an analysis of works

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

related to the subject was made, through an indirect bibliographical research, from works obtained through Google academic and Scielo, between the years 2003 to 2017. In the articles found, we perceive that the students consider important the deal with such content in the school, mainly by the absence of dialogue with the parents. Regarding the teachers' performance, we verified that the anatomical and biological aspects are more relevant and the main dialogues are about contraceptive methods, sexually transmitted diseases and teenage pregnancy.

Keywords: Sexual orientation, PCNs, School, Teenagers.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O contexto escolar aparece como espaço privilegiado para tratar de temas voltados para a orientação sexual abrangendo questões sobre a sexualidade humana relacionadas à saúde. A orientação sexual e a sexualidade aparecem como temas de significativa relevância nas publicações acadêmicas, apresentando um crescente número de periódicos e grupos de pesquisa nas últimas décadas. Outro fator que apresenta um indício que justifica a inserção do assunto no âmbito escolar foi a criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no ano de 1998. Desde então, há uma inquietação no contexto escolar sobre as possibilidades de como tratar a temática pedagogicamente.

Se por um lado encontramos autores que afirmam a necessidade de trabalhar a orientação sexual no âmbito escolar, no outro lado, como forma de resistência, temos as barreiras encontradas no cotidiano escolar, como por exemplo, as ideologias normativas enraizadas na sociedade atual. Visto que, falar sobre sexo, orientação sexual ou educação sexual dentro do contexto da escola era um afronto para a sociedade e o professor poderia ser punido de alguma forma. (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017).

Deste modo, é necessário compreender como a orientação sexual sustenta sua inserção na escola, configurando um problema social da saúde pública. A escola é convidada a intervir devido ao crescente número de casos da gravidez na adolescência e pela disseminação das doenças sexualmente transmissíveis. (ALTAMANN, 2003).

Ainda hoje, apesar dos avanços tecnológicos e das transformações nas novas formas de relacionamento e trocas afetivas, o tema orientação sexual, tem se colocado a margem dos currículos escolares (LOURO, 2006). Sabemos que a instituição escolar

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

encontra dificuldades para a inserção de novas práticas sobre orientação sexual para além da condição da saúde e doença, ampliando o olhar para uma intervenção significativa que se aproxime da realidade vivenciada pelos alunos. (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Mediante a isso, buscamos autores que tratam da orientação sexual na escola, apontando medidas de intervenções que tiveram espaço na sala de aula, observando o olhar dos alunos e professores sobre o tema.

INTERVENÇÕES SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

A mobilização em torno da Orientação sexual na escola perpassa o momento da aula, abrangendo a conduta sexual dos indivíduos e da população como objeto de controle social, atuando nas esferas governamentais, no controle da natalidade, do crescimento demográfico, se configurando como um problema da saúde pública (ALTMANN, 2003).

Para Altmann:

> A rede escolar passa a ser pensada como um dispositivo político de intervenção privilegiado, buscando expandir o impacto sobre a população, através do controle da sexualidade de crianças e, principalmente, adolescentes. Ela é incumbida de uma ambiciosa tarefa que vai além do acesso a informações sobre o controle de natalidade, práticas preventivas: deve formar sujeitos auto-disciplinados que vivam a iniciação de sua vida sexual afastando-se da gravidez, dos perigos trazidos pela AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) (2003, p.285-286).

Observamos que a maioria dos trabalhos sobre a orientação sexual, educação sexual ou sexualidade tem como público alvo os adolescentes. De acordo com Queiroz e Almeida (2017, p. 209), o adolescente precisa adquirir a segurança necessária para perceber suas experiências sexuais por meio de informações corretas sobre o assunto.

Segundo Figueiredo e Barros (2014) há uma dificuldade em se tratar o assunto orientação sexual de forma aberta. A responsabilidade dos professores em informar de forma coerente, tem papel fundamental nesse processo. Aos alunos, por sua vez, estão,

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

principalmente na adolescência, curiosos e cobiçando o máximo de informações possíveis.

Para os PCNs (BRASIL, 1998), manter um trabalho de orientação sexual em uma unidade escolar, implica manter claro para a comunidade todos os princípios determinantes diante dessa questão, seja ela a postura do profissional, as diversas manifestações e até mesmo a escolha dos conteúdos a serem trabalhados. No entanto, nenhuma dessas ações substitui a função da família, porém as complementa.

Portanto, os PCNs (BRASIL, 1998) tratam a educação sexual na escola a partir de problematizações, questionamentos e ampliação de conhecimentos para que o aluno faça suas escolhas. Nesse sentido, cabe a escola abordar, de forma interdisciplinar, os diferentes pontos de vista, valores e crenças, com o propósito de construir referências por meio das reflexões sobre o assunto. Os aspectos trabalhados envolvem mitos e tabus e envolvem questões sobre gravidez, DSTs, questões sobre o que a mídia os oferece e o papel da família em diversas situações do cotidiano.

Mediante a isso, buscamos analisar as publicações referenciadas, bem como quais os tipos de intervenções, como: aula expositiva, questionários ou oficinas e também quais as ponderações dos autores a partir dessas ações sobre a orientação sexual ou sexualidade no âmbito escolar, nos artigos encontrados.

De acordo com Cruz et. al., (2016), a sexualidade ainda é vista como um tema polêmico a ser abordado com os adolescentes, contudo, desperta o interesse e curiosidade. Para os autores, os índices de gravidez e a incidência de DSTs nessa fase da vida são preocupantes, fato que leva a investigação das principais questões em relação ao tema sexualidade.

Na pesquisa em questão, foram aplicados questionários com alunos, onde objetivou-se identificar as concepções e dúvidas a respeito da sexualidade. Com base nos dados obtidos no questionário foram realizadas duas oficinas pedagógicas sobre sexualidade, saúde e qualidade de vida (CRUZ et al, 2016).

Os autores identificaram que as famílias não participam ativamente da vida dos sujeitos da pesquisa, havendo lacunas na formação dos alunos sobre os assuntos relacionados à sexualidade. No que diz respeito às concepções de sexualidade, os alunos não demonstraram possuir um conceito amplo sobre o tema. Na maioria das respostas encontradas, o conceito estava relacionado aos aspectos biológicos, desconsiderando a relação com os fatores sociais, éticos e históricos (CRUZ et al, 2016).

A maioria dos alunos participantes da pesquisa, cerca de 90 %, responderam positivamente sobre a necessidade de discutir o tema sexualidade na escola. De acordo

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

com os resultados obtidos, evidenciou-se que os sujeitos em estudo têm consciência da necessidade de falar abertamente sobre o tema, pois a adolescência e o início da puberdade são apresentados como um período de muitas transformações.

Dando sequência a análise dos artigos, encontramos uma pesquisa sobre a educação sexual na adolescência (CARNEIRO et al., 2015), os autores, por meio deste trabalho, descrevem a experiência dos profissionais de enfermagem em uma escola de Ensino Médio, com objetivo de fornecer informações sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Para isso, os acadêmicos de enfermagem aplicaram questionários para o conhecimento dos adolescentes e proporcionaram a vivência de oficinas sobre prevenção em DST, sendo adotadas dinâmicas de caráter participativo. Além disso, de acordo com os autores, foi exibido um filme sobre a utilização dos métodos contraceptivos. (CARNEIRO et al., 2015).

Como forma de avaliação, os alunos responderam perguntas ao final da oficina. Nesse momento, foi possível concluir que conseguiram compreender a proposta, ressaltando que consideraram o espaço escolar adequado para tratar dos assuntos relativos à sexualidade, posto que, outros ambientes institucionais não possuem abertura para tratar tais questões. (CARNEIRO et al., 2015).

Em outro trabalho de suma importância para elucidar as questões aqui levantadas, foi referente aos modelos de orientação sexual na escola, voltada para as práticas dos professores na rede pública de ensino. Para as autoras Vieira e Matsukura (2017), “A educação sexual é prevista nas escolas desde 1928, pautada em uma concepção higienista, controladora e repressora da sexualidade, marcada por valores morais e religiosos, que perduraram fortemente até a década de 1950” (VIEIRA; MATSUKURA, 2017, p. 456).

Segundo, Vieira e Matsukura (2017), o movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970 e os altos índices do vírus HIV influenciaram os projetos de educação sexual, com ênfase nas abordagens vinculadas aos métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. Pra as autoras, algumas questões foram abordadas:

> Questões sociais como o movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970 e os índices de vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) entre a população jovem na década de 1980 influenciaram os projetos de educação sexual, norteando suas características, como a predominância da abordagem de conteúdos mais vinculados a

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DST) em práticas mais preventivistas (VIEIRA, MATSUKURA, 2017 apud BRASIL, 1997; NARDI; QUARTIERO, 2012).

Na década de 1990, os PCNs, teve destaque "e a educação sexual passa a ser respaldada em uma perspectiva de cidadania" (VIEIRA; MATSUKURA, 2017, p. 456). Foi possível observar que os sujeitos da pesquisa eram professores, que por sua vez, demonstraram modelos diferentes ao tratar sobre o assunto durante suas aulas. Dessa forma, existiam duas categorias de análise relacionadas aos modelos de práticas de educação sexual, intituladas como modelo biológico-centrado e preventivo e o modelo biopsicossocial.

Verificou-se ainda, na pesquisa relatada, que o modelo biológico da sexualidade permanece predominante entre as práticas de educação sexual e as intervenções ocorrem vinculadas às aulas de ciências ou biologia, voltadas para a prevenção das DSTs e gravidez na adolescência, encontrando apenas uma minoria de participantes que citaram objetivos mais amplos, subjetivos e sociais, a exemplo das diversidades sexuais.

Os resultados encontrados apontam que as questões sobre sexualidade podem ser consideradas tabus em virtude dos seus valores morais e/ou religiosos, além disso, há uma ausência de informações específicas para o trabalho de educação sexual.

METODOLOGIA

Como estratégia metodológica, o presente trabalho utilizou a pesquisa indireta de caráter bibliográfico e natureza qualitativa. Para especificar a pesquisa, utilizaram-se referências teóricas e a coleta de informações a partir de artigos científicos publicados no idioma Língua Portuguesa (Brasil).

De acordo com Gil (2008), para desenvolver uma pesquisa bibliográfica, é necessário um material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Sua principal vantagem é permitir pesquisar dados em qualquer espaço, sem ter que ir ao encontro da busca direta dos dados. Já para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa indireta deve ter o levantamento de dados feito por variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas.

O levantamento dos artigos sobre o tema foi investigado a partir de periódicos publicados sobre experiências no ambiente escolar que tratam da orientação sexual, a

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

partir de conjuntos de dados da internet dos sites *Google acadêmico* e *Scielo*, delimitando os anos de publicação entre 2003 e 2017.

Entre os diferentes artigos encontrados, optamos por três publicações que apresentaram percepções nas intervenções sobre o assunto orientação sexual na escola. Como critério de seleção, optamos pelos trabalhos que tratavam principalmente de como era abordado o tema no âmbito escolar. Por conseguinte, abordamos um primeiro que dissertava sobre as necessidades dos alunos por meio de questionários e oficinas, o segundo discorreu sobre da atuação de um grupo de profissionais de enfermagem que realizaram oficinas sobre a temática em uma escola e um terceiro, que evidenciou a atuação e a prática dos professores em sala de aula. Desse modo, foram considerados os resultados nos trabalhos analisados, constatando que, ao final das pesquisas, o conteúdo principal nos questionamentos são as DSTs e gravidez na adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos trabalhos selecionados, observamos que há um caráter interdisciplinar, uma vez que envolvem diferentes abordagens sobre o mesmo tema. Deste modo, constatamos a importância da utilização dos PCNs, enquanto auxílio para abordagem dos temas transversais, nesse caso, mais especificamente sobre a orientação sexual no ambiente escolar, ficando explícita a necessidade dos adolescentes sobre o assunto, seja por curiosidade ou por insuficiência de informações por meio da família, seja por timidez ou para fazer perguntas.

Verificou-se ainda, que o assunto é versado como um tabu para muitos e também é polêmico, prevalecendo apenas às intervenções vinculadas as aulas de biologia ou ciências, voltadas para a prevenção de DSTs e gravidez na adolescência. Do mesmo modo que, podemos atentar, por meio da literatura examinada, que ainda nos dias atuais, há uma ausência de informação e formação dos professores, o que dificulta o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem vinculados aos temas transversais, presentes no PCNs, sobretudo a abordagem sobre a orientação sexual no âmbito escolar.

Nesse sentido, configura-se, por meio dessa observação, fica a cargo dos professores, a responsabilidade de informação e a promoção de debates, por meio de uma abordagem interdisciplinar sobre o assunto. Deve-se manter a maior clareza possível, diante das problematizações e questionamentos.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Por fim, observamos a necessidade de uma retomada de discussão com o objetivo de se construir bases substanciais que possam orientar sobre o tema, por meio de uma vertente interdisciplinar, para que todas as áreas sejam capazes de desdobrar debates um pouco mais aprimorados a respeito de como tratar de uma maneira coerente o tema orientação sexual no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALTAMANN, Helena. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero.** Universidade Estadual de Campinas. Cadernos Pagu (21) 2003: pp.281-315. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332003000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 28/06/2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CARNEIRO, Rithianne Frota; SILVA, Nalysse Chris da; ALVES, Thais Almeida; ALBUQUERQUE, Danielle de Oliveira; BRITO, Diego Colaço de; OLIVEIRA, Leonice Lima de. **Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar.** Sanare Revista de Políticas Públicas, Sobral - CE, v. 14, n.01, p.104-108, jan/jun, 2005. Disponível em: < https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617> Acesso em: 30/06/2018.

CRUZ, Eliana Patrocínio; SOUZA, Erinalva de; SILVA, Saiara Conceição de Jesus da; HORA, Neriane Nascimento da, NEVES, Paulo Alexandre Panarra. **Diálogos sobre sexualidade no ensino fundamental: construindo conceitos e tirando dúvidas de alunos do 8º ano de uma escola municipal em Santarém, Pará, Brasil.** Scientia Plena, vol. 12, n. 6. 2016. Disponível em: < https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/3059> Acesso em: 29/06/2018.

FIGUEIREDO, Márcia Cristina de Oliveira; BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de. **Orientação Sexual: vivências de professores da rede pública de ensino e como esse**

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

tema transversal tem sido abordado. Associação Brasileira de Ensino de Biologia. V EneBio e II Regional 1. Revista da SBEnBio – nº 7 – Out. 2014. Disponível em: < https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/1645583b5d9670f7?projector=1&messagePartId=0.5> Acesso em: 28/06/2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira- SP.** Revista Brasileira de Enfermagem (online), vol. 59, .2, pp. 157-162. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672006000200007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 28/06/2018.

LOURO, Guacira. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

OLIVEIRA, Adriana Martins de; QUEIROZ, Francismeiry Cristina de. Educação, saúde e sexualidade. 25º SemiEdu: Educação, Diversidades Culturais, Sujeitos e Saberes. Anais. Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT. 26-27 Set. 2018. Disponível em: <http://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/semiedu/semiedu2017/paper/view/1934> Acesso em: 29/06/2018.

QUEIROZ, Vanessa dos Reis; ALMEIDA, Janie Maria de. Sexualidade **na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Revista da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde – Sorocaba (SP), Brasil. 2017; 19 (4): 209-14. Disponível em

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. **Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da**

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

rede pública. Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Rio de janeiro, Brasil. vol. 22, nº 69, abril-junho 2017, pp. 453-474